



Como lidar com o antissemitismo e a discriminação?

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS
ENTRE ESCOLA E MUSEU


museu
judaico

SÃO
PAULO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Como lidar com o antissemitismo e a discriminação?
: diálogos pedagógicos entre escola e museu /
organização Leonardo Moreira, Dalia Schneider,
Malu Frizzo. — São Paulo: Museu Judaico de
São Paulo, 2024

Vários autores.
ISBN 978-65-984067-1-4

1. Antissemitismo 2. Discriminação 3. Educação
4. Educadores - Formação 5. Museus - Aspectos
educacionais I. Moreira, Leonardo. II. Schneider,
Dalia. III. Frizzo, Malu.

24-231585

CDD-370.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Educadores : Formação 370.7

Como lidar com o antissemitismo e a discriminação?

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS
ENTRE ESCOLA E MUSEU



SÃO
PAULO

Apresentação

1

Entre fios coloridos:
a diversidade cultural brasileira

2

O judaísmo é diverso

3

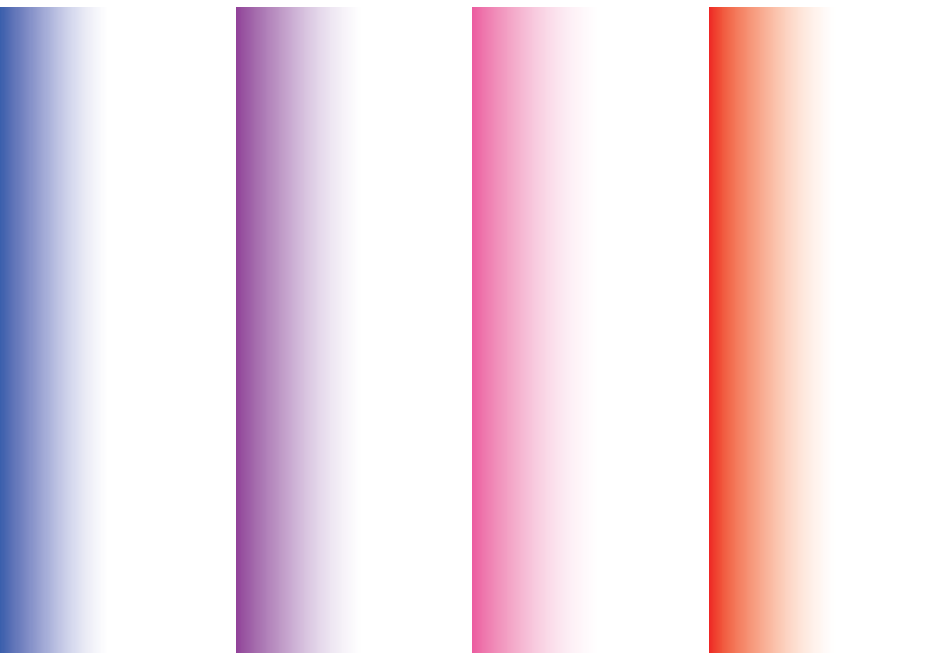
Racismo, preconceito e discriminação racial no Brasil

5

11

21

31



Sumário

4

O que é
antissemitismo?

39



5

Processos
educacionais
acolhedores
e diversos

49



Glossário

59



Atividades
Educativas

67



Apresentação

Olá, profissional da educação,
antes de começar gostaríamos de nos apresentar.

7

O **Museu Judaico de São Paulo (MUJ)** mantém viva a história e a cultura da comunidade judaica em suas mais diversas manifestações. Amparado por um programa cultural participativo que entrelaça as múltiplas expressões, histórias, memórias, tradições e valores da cultura judaica ao contexto brasileiro,

o MUJ nasceu comprometido com a coexistência entre os variados grupos sociais e identidades, com o combate à intolerância e ao preconceito, com a educação e a cultura, valores a um só tempo universais e judaicos.

Desde a abertura, por meio do nosso Núcleo de Educação e Participação, já atendemos milhares de pessoas, promovendo ações que abordam as expressões



e histórias judaicas como ferramenta de combate ao antissemitismo.

Abordamos o antissemitismo em diálogo com os desafios históricos e sociais enfrentados no Brasil, como o racismo e outras formas de preconceito e discriminação. Nosso objetivo é construir estratégias coletivamente. Ao unirmos forças, podemos lidar com um problema comum: o preconceito, que afeta de modo interseccional os grupos minoritários e marginalizados.



Museu Judaico de São Paulo, 2023. Foto: Daniel Cabrel.

Propomos, assim, um espaço acolhedor para discussão e escuta sobre como as diferentes formas de discriminação impactam as pessoas e como, juntos, podemos fortalecer nossas práticas educativas e desenvolver soluções eficazes de transformação social.

Este material pedagógico faz parte do programa MUJ Repara, que oferece visitas educativas com foco na

apresentação da cultura judaica e nos riscos do antissemitismo, do racismo e dos preconceitos em geral, ressaltando a importância de uma sociedade mais justa e plural. Também desenvolvemos cursos para professores que abordam a diversidade cultural brasileira e as inter-relações entre diferentes tipos de preconceitos e discriminações. Além disso, o programa promove debates acerca desses temas com profissionais de diferentes áreas.

Nas próximas páginas, você navegará por uma seleção de conteúdos que parte da diversidade cultural brasileira, aborda a diversidade judaica, o racismo estrutural, o antissemitismo e os processos educacionais para a promoção de uma educação diversa e acolhedora. Para cada tema, recomendamos materiais, palavras, questões e atividades que oferecem caminhos para aprofundar as reflexões e enriquecer a prática educativa.

10

Assim, esperamos ampliar as discussões sobre as estratégias para combater o antissemitismo, a discriminação e o preconceito, tanto dentro quanto fora das escolas.

Embora os museus não possam, por si sós, transformar o mundo, eles desempenham um papel essencial ao construir coletivamente saberes junto às pessoas, como você, profissional da educação, que promovem de forma diária essa mudança.

**Este é um material que te convida
para iniciar um diálogo.**

**Desejamos uma boa leitura
e nos encontramos no MUJ!**



Exposição *Vida Judaica*,
Museu Judaico de São Paulo.

1

Entre fios coloridos: a diversidade cultural brasileira

A diversidade cultural brasileira é um reflexo da complexa tapeçaria de influências que se entrelaçaram ao longo dos séculos, criando uma cultura rica e vibrante que é uma das características mais marcantes da nossa identidade. A contribuição dos povos indígenas, africanos, europeus, asiáticos, e, posteriormente, de países vizinhos da América do Sul e Central, moldou e segue moldando o Brasil, onde a pluralidade é inegável, ainda que nem sempre livre de tensões e invisibilização.

13

A diversidade marca todos os âmbitos da cultura brasileira, do idioma à culinária, passando pela música, pela dança, pelas histórias escritas e orais, por festas e comemorações, tradições populares e expressões religiosas.

As culturas indígenas que já habitavam o território antes que ele se chamasse Brasil deixaram marcas profundas na formação cultural do país. Podemos ver

LISTA DOS EMIGRANTES ENTRADOS NO MEZ DE Junho DE 1823 PELO PORTO DE SANTOS E REGISTRADOS PELA SOC. DEB. "LEZAR" DE S. PAULO

NUMERO	NOME	ESTADO	PROFISAO	IDADE DE ANOS	PROFISAO	SEXO	ESTADO
180	Alfonso	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
181	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
182	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
183	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
184	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
185	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
186	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
187	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
188	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
189	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
190	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
191	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
192	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
193	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
194	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
195	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
196	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
197	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
198	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
199	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
200	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
201	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
202	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
203	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
204	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
205	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
206	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
207	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
208	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
209	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
210	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
211	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
212	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
213	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
214	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil
215	Antonio	Brasil	Armeiro	25	Armeiro	M	Brasil

DADOS ESTADISTICOS

suas influências na língua, com palavras de origem tupi¹, como jacaré, sabiá, paçoca e maracanã; e na culinária, com o uso da mandioca e do milho, assim como outras práticas e conhecimentos tradicionais foram incorporados na medicina, na agricultura e nas expressões artísticas.

Os africanos, trazidos à força como escravizados, acrescentaram novas camadas ao tecido cultural brasileiro. Tiveram um papel central na formação da cultura musical, em gêneros como o samba, o choro,

1 Todos os termos sublinhados são apresentados no glossário desta publicação (p. 61).

a arquitetura decorada por azulejos, os doces de ovos e muitos outros pratos. As festas populares, a literatura e a arte, de forma ampla, expressam a influência de Portugal sobre a cultura brasileira, que seguiu acolhendo tradições de outros migrantes que chegaram ao longo dos séculos: italianos, alemães, espanhóis e, mais tarde, japoneses, chineses e árabes.

Entretecida a essa história de misturas, a presença da cultura judaica no Brasil remonta ao período colonial, quando judeus da Península Ibérica fugiram da Inquisição portuguesa e chegaram, como apontam alguns indícios, já nas primeiras caravelas.

16

Um pouco mais tarde, durante a ocupação holandesa, muitos judeus se estabeleceram no Nordeste do Brasil, especialmente em Recife, onde fundaram a primeira sinagoga das Américas. No século XVIII, judeus marroquinos vieram ao Brasil e se embrenharam na Amazônia para trabalhar na exploração do Ciclo da Borracha. As perseguições à comunidade judaica, intensificadas no início do século XX e durante e após a Segunda Guerra Mundial, trouxeram ao Brasil judeus da Europa Central e Oriental. Todos esses migrantes se integraram à sociedade brasileira, enriquecendo a diversidade cultural das cidades onde as comunidades judaicas se estabeleceram com seus ritos, tradições e até mesmo culinária, assim como ocorreu com todas as outras culturas que se misturam para criar essa trama tão diversa.

Figuras como Clarice Lispector e Jacob do Bandolim, ambos de origem judaica, ilustram a presença dessa cultura na literatura e na música, assim como outras figuras influenciaram seus respectivos campos, como Alexandre Herchcovitch (estilista), Lasar Segall (artista plástico), Daniel Azulay (apre-



Finalmente cheguei ao Brasil,
Gravura, Ruth Sprung Tarasantchi, 2019,
Museu Judaico de São Paulo.

sentador e ilustrador), Nora Rónai (arquiteta), Mira Schendel (artista visual), Hector Babenco (cineasta), entre outros nomes.

A cultura brasileira continua a expandir-se e transformar-se a partir do encontro com outras tradições. Talvez sua característica essencial seja justamente a permeabilidade à mistura, o que permite o enlace e o desenlace de fios coloridos, compondo uma trama que existe no gerúndio, uma cultura diversa que vai se dando em contínua transformação e que ainda demanda de nós muito trabalho.

Ao reconhecer a beleza exuberante dessa trama multicolorida, reconhecemos também seus profundos esgarçamentos, suas margens e marginalizações, rupturas e exclusões.



Bahia,
Aquarela, Alice Brill, 1955,
Museu Judaico de São Paulo.

Questões de Mediação

Em quais outras manifestações culturais brasileiras, como dança, música, linguagem e culinária, você consegue identificar a influência de diferentes grupos? Como podemos valorizar a potência da diversidade cultural sem ignorar as exclusões e marginalizações que ainda existem?

Para saber mais

Festas populares no Brasil.

Lélia Gonzalez.

Editora Boitempo, 2024.

O povo brasileiro.

Darcy Ribeiro.

Companhia de Bolso, 2006.



2

O judaísmo é diverso

A palavra judaísmo tem o mesmo sufixo das palavras catolicismo, islamismo, xintoísmo e tantas outras denominações religiosas. Entretanto, o judaísmo não se resume a uma religião, e a sua abrangência é tão vasta que foi necessário cunhar um termo novo para abarcar a diversidade de manifestações da identidade judaica: judeidade.

23

Judeus e judias podem ser pessoas religiosas ou ateias, podem ser brancas ou negras, árabes ou asiáticas e assim por diante.

Embora possa existir um imaginário a respeito de como são os judeus, tais imagens se resumem a estereótipos muito limitados diante da pluralidade de manifestações da judeidade. E, para entender melhor essa diversidade, precisamos de um ponto de partida:

Considerando a lei judaica, judeu é quem nasce de um ventre judaico ou aquele que escolhe se converter à tradição judaica. Mas a identidade judaica também pode ser marcada por um forte senso de pertencimento.

A diversidade judaica é um espelho da diversidade humana. Todas as formas de existência que compõem a experiência humana também estão presentes no universo judaico e essa riqueza se explica por alguns fatores.

O primeiro deles é o geográfico.

24 A tradição judaica se originou no Oriente Médio. Judeus habitaram a região por séculos até que, durante a dominação romana, se espalharam de forma ampla: habitaram a Península Ibérica, Egito, Etiópia, Eritreia, Sudão, Líbano, Síria, Iraque, Irã e Iêmen. Posteriormente, Marrocos, Argélia, Tunísia, França, Alemanha, países do Leste Europeu como Polônia, Ucrânia, Lituânia, Rússia, China, entre outros. Após as grandes navegações, judeus aportaram no continente americano, chegando ao Brasil já no início do processo de colonização portuguesa e aos Estados Unidos pouco tempo depois. Atualmente, existem judeus nascidos em países tão distintos quanto o Chile, a África do Sul ou a Austrália.

Por ser um povo diaspórico há milênios, os judeus incorporaram tradições das regiões que habitaram, o que deu origem a uma divisão em três principais grupos culturais, cada um bastante diverso internamente também. Esses três grupos são: ashkenazita, sefaradita e mizrahi.



Caixa de Especiarias (Bessamim),
Varsóvia, Metal, 1920,
Museu Judaico de São Paulo.



Caixa de Especiarias (Bessamim),
Marrocos, Metal, s/d,
Museu Judaico de São Paulo.



27

Caixa de Especiarias (Bessamim),
originária do continente africano, Marfim, s/d,
Museu Judaico de São Paulo.

Ashkenazitas são os judeus que viveram em países da Europa Central e Oriental, como Rússia, Polônia, Lituânia, Letônia, Ucrânia e Bielorrússia.

Sefaraditas são os judeus que viveram em Portugal, Espanha, e depois no Marrocos, Egito, Turquia, Síria e Líbano, principalmente.

Mizrahi é o termo que se refere aos judeus que, desde a antiguidade, permaneceram na região que hoje corresponde ao Estado de Israel ou estiveram em diáspora pelo Oriente Médio e pela África, em países como Irã, Iêmen, entre outros.

28

Cada um desses três grandes grupos conta com um idioma ou dialeto próprio, surgido a partir da mistura do hebraico com outras línguas da região. São eles o iídiche, o ladino e a haquitia, respectivamente. Além disso, em cada uma dessas regiões, costumes, práticas e leis judaicas ganharam contornos culturais diversos.

O segundo critério é a observância religiosa.

A judeidade pode abarcar um componente religioso ou não, o que significa que pessoas judias podem se considerar religiosas ou ateias. Dentre aquelas que se entendem como religiosas, existe uma gama de expressões dessa religiosidade, que vai da ultraortodoxia ao reformismo. A observância religiosa vai além das práticas ritualísticas, rezas e festividades, mas se estende ao cumprimento de leis bíblicas e rabínicas que norteiam a vida familiar e comunitária, a forma de se alimentar, vestir, higienizar etc. Quanto mais literal for a interpretação dessas leis e mais estrito for o seu cumprimento, maior é o grau de ortodoxia da prática judaica religiosa.

Também em relação a este critério, é possível dividir os judeus em três grupos principais, cada um deles contendo uma variedade significativa de nuances: judaísmo ortodoxo, conservativo e reformista. Todas essas linhas seguem as leis judaicas, mas variam na interpretação que fazem a respeito do modo de cumprir os preceitos judaicos e também em relação à exigência que impõem aos membros da comunidade de observar tais preceitos.

Para além desses aspectos relacionados à geografia e à religiosidade, a identidade judaica também se manifesta em todos os outros campos da experiência humana e continua sendo construída na contemporaneidade. A judeidade, assim como outras culturas, existe em conexão com as questões do seu tempo, e por isso se expressa de forma plural:

Há judeus posicionados
em todo o espectro político;

29

Há judeus de todas
as classes sociais;

Há judeus em todas
as profissões;

Há judeus LGBTQIAPN+;

Judeus que se
consideram budistas;

Judeus negros, árabes,
japoneses e assim por diante.

Não há uma forma única de ser judeu, mas sim inúmeras possibilidades que compõem a identidade judaica.

Questões de Mediação

Como explicado no texto anterior, a diversidade judaica é um espelho da diversidade humana. São várias as influências na construção da identidade judaica contemporânea. Mas quais são algumas das tradições e costumes que diferenciam as várias comunidades judaicas, e como isso reflete a diversidade dentro do judaísmo?

Explore mais informações geográficas com o auxílio de um mapa, e pesquise sobre as diversas festividades, comidas, músicas etc.

**O MUJ possui um
acervo digital repleto
de itens que podem
ser explorados:**

museujudaicosp.org.br/acervo

Para saber mais

Histórias que trazemos na mala.

Daniela Chindler, Flávia Rocha
e Juliana Portenoy. Sapoti, 2023.

Acesse: <https://abrir.link/etmeX>

Animações: Histórias que trazemos na mala.

Museu Judaico de São Paulo. YouTube, 2023.

Acesse: <https://abrir.link/fcDKz>



3

Racismo, preconceito e discriminação racial no Brasil

Antes de serem brutalmente trazidos ao Brasil como escravizados, os africanos, de forma geral, faziam parte de uma rica e diversificada rede de civilizações que deixaram contribuições inestimáveis para a história da humanidade. Organizados em reinos e impérios como os de Gana, Mali, Songai, Benin e Congo, esses povos eram altamente desenvolvidos, possuíam sistemas sociais complexos, conhecimento avançado em diversas áreas e culturas que influenciaram não apenas o continente africano, mas também outras regiões do mundo.

33

A diáspora africana, forçada pela escravidão, levou esses conhecimentos e influências a outros continentes, onde foram adaptados e ainda ecoam nas práticas culturais, nos sistemas de governança e nas tradições de muitas partes do mundo.



Notícias sobre a discriminação e a violência no Brasil. Entrada da seção dedicada ao Holocausto no Museu Judaico de São Paulo.

34

Assim, a formação do território que convencionamos chamar de Brasil está marcada por períodos históricos e processos sociais que moldaram a estrutura do país, especialmente no que se refere à inserção de milhões de pessoas dos mais diversos grupos étnicos africanos trazidos ao país. Desde a chegada dos primeiros africanos no século XVI, passando pelos ciclos econômicos e pela administração colonial, a presença negra foi fundamental para o desenvolvimento econômico e cultural do país, embora permeada na maioria das vezes por contextos de opressão e exclusão.

Nos primeiros séculos de colonização, a economia brasileira foi pautada em ciclos econômicos, como o ciclo do açúcar, do ouro e, posteriormente, do café. A mão de obra escravizada, composta em sua



maioria por negros africanos, foi essencial para sustentar esses ciclos. A administração colonial estruturou-se de modo a garantir que a exploração econômica fosse eficiente, ao mesmo tempo que mantinha a segregação e o controle sobre a população escravizada.

Após a abolição da escravatura, em 1888, a inserção da população negra no mercado de trabalho continuou limitada, com poucos direitos e oportunidades de ascensão social. Com isso, a população negra foi abandonada à própria sorte, sem qualquer tipo de reparação histórica ou inclusão formal nas esferas sociais, especialmente na educação.

No final do século XIX e início do século XX, o racismo científico ganhou força no Brasil, influenciando diretamente as políticas públicas e o pensamento social. As teorias pseudocientíficas, como o darwinismo social, propagavam a ideia de que as raças possuíam uma hierarquia natural, sendo a branca considerada superior. A política do embranquecimento, adotada pelo governo brasileiro, buscava promover a miscigenação de forma a “diluir” as populações negras e indígenas, incentivando a imigração europeia com o objetivo de “melhorar” a população. Essa política estava fundamentada na crença de que o Brasil, como nação, só poderia prosperar se fosse predominantemente branca, o que aumentou a marginalização das populações negras e dos povos indígenas.

36

O acesso ao ensino no período pós-abolição foi limitado, e a maioria dos negros libertos foi excluída das escolas públicas e privadas. No entanto, mesmo em meio à exclusão, houve iniciativas comunitárias e religiosas para alfabetizar e educar a população negra. Podemos citar as experiências da Frente Negra Brasileira (1930), o Teatro Experimental do Negro (1944), o Movimento Negro Unificado (1978), entre outras organizações políticas que tinham como meta a garantia de direitos e o acesso à educação ao longo do século XX. Essa desigualdade educacional teria consequências duradouras, perpetuando a marginalização social e econômica da população negra.

Agora, estamos vivenciando a ruptura do mito da democracia racial que vem se solidificando desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, reflexo de sua disposição para a expansão de direitos para a população brasileira de forma geral.

Em resposta às profundas desigualdades históricas, foram criadas as ações afirmativas que são medidas necessárias para corrigir a falta de representatividade e as barreiras sociais impostas à população negra e aos povos indígenas.

Políticas como as cotas raciais nas universidades e no serviço público visam oferecer oportunidades reais para que a população negra e os povos indígenas possam ter acesso à educação e ao mercado de trabalho em condições mais justas. Essas políticas têm sido alvo de debates, mas são essenciais para combater o racismo estrutural e caminhar na direção de uma sociedade mais equitativa.

O racismo, o preconceito e a discriminação são conceitos que moldam a estrutura social brasileira. Populações e povos de origens diversas têm ou tiveram distintas experiências com essas palavras no Brasil e no mundo. Assim, acarretam prejuízos sistemáticos para uns a partir de uma relação de exclusão e exploração que precisa ser superada garantindo oportunidades iguais para todos, mesmo que para isso seja necessário implantar discriminações positivas para que esses grupos possam ter acesso a bens que são repartidos de forma desequilibrada, bem como ter representatividade nas diversas esferas de poder.

Esses conceitos são fundamentais para entender como a sociedade brasileira foi construída em cima de desigualdades raciais, que perduram até os dias atuais, e para embasar as lutas e políticas voltadas à equidade racial no Brasil.

Sinalizando um convite para que povos sistematicamente excluídos sob a ótica do racismo, do preconceito e da discriminação possam fazer parte da tessitura dos fios da diversidade para além das contribuições culturais.

Questões de Mediação

No Censo de 2022, realizado pelo IBGE, 45,3% da população brasileira se declarou parda, 43,5% se declararam brancos, 10,2% se declararam pretos, 0,6% se declarou indígena e 0,4% se declarou amarelo. Considerando que pretos e pardos representam mais de 55% da população brasileira, você percebe essa diversidade nos ambientes que frequenta? E nas carreiras como medicina, advocacia, engenharia, entre outras? Por que essa parcela da população está sub-representada?

Para saber mais

A história da África: a busca pela harmonia eterna.

Molefi Kete Asante. Vozes, 2023.

Ação afirmativa: conceito, história e debates.

Júnior Feres, et al. EdUERJ, 2018.

Acesse: <https://abrir.link/YJlcW>

**O espetáculo das raças: cientistas, instituições
e questão racial no Brasil: 1870 - 1930.**

Lília Moritz Schwarcz. Companhia das Letras, 1993.



4

O que é antissemitismo?

Compreender o antissemitismo é uma tarefa complexa, mas, na prática, a palavra é usada para descrever o preconceito e a discriminação contra pessoas judias.

O termo surgiu na Europa Oriental, no século XIX, com um uso muito específico: era um movimento germânico chamado Liga Antissemita, que questionava a igualdade civil dos judeus em relação à população geral. O antissemitismo carregava a ideia de que judeus não deveriam ter os mesmos direitos civis que o resto da população. Antes disso, o que chamamos de antissemitismo era, na realidade, um tipo de exclusão ou perseguição motivada por crenças religiosas, que afetavam judeus e, por vezes, qualquer pessoa que não seguisse a religião dominante de determinada região.

A noção de antissemitismo faz referência a todos os povos com idioma de origem semita, como fenício, hebraico, aramaico, árabe, entre outros. Mas, atualmente, o termo é usado apenas em relação a judeus.

O antissemitismo é um preconceito estrutural, que se manifesta por meio de atitudes negativas, manutenção e propagação de estereótipos e até mesmo violência direcionada a indivíduos e comunidades por causa de sua identidade étnica ou religiosa.

Muitos dos estereótipos associados aos judeus foram originados há muitos séculos, para justificar exclusões e violências. Com o passar do tempo, as formas de expressão do antissemitismo ganharam novos contornos, assim como outras formas de racismo estrutural sobre as quais você pode ter mais conhecimento.

Para compreender melhor, podemos fazer paralelos: o racismo afeta pessoas negras, que sofrem diversas formas de violência, das mais sutis às mais gritantes; a xenofobia afeta imigrantes e refugiados; a misoginia impõe desigualdade e diversas formas de violência às mulheres; a LGBTQIAPN+fobia exclui, agride e viola pessoas desse grupo; a islamofobia impõe estigmas sobre muçulmanos que, por vezes, também resultam em perseguições e violências; o capacitismo alimenta o preconceito e a discriminação contra pessoas com deficiência e assim por diante.

No caso do antissemitismo, existem estereótipos parecidos com aqueles atribuídos a outras minorias: inferiores moralmente, mentirosos, traiçoeiros. Mas aos judeus também são atribuídos estereótipos quase opostos, de superioridade, como endinheirados, de algum modo exercendo controle sobre o mundo. Judeus são associados ao dinheiro por meio de termos aparentemente positivos, como “astutos” e “bons de negócio”. Mas essa imagem vem acompanhada pela ideia de que judeus são ricos, privilegiados, poderosos, exploradores da força de trabalho e, por isso, não podem ser considerados oprimidos.



Selo antissemita afixado nos estabelecimentos comerciais da comunidade judaica durante o período nazista na Alemanha, com os seguintes dizeres em alemão: “quem compra de judeus é um traidor do povo”, 1940, Museu Judaico de São Paulo.



Jornal semanal nazista *Der Stürmer*, com os seguintes dizeres em alemão: “Os judeus são a nossa desgraça” – “ao longo dos milênios, os judeus, seguindo um rito secreto, derramaram sangue humano. O diabo está sentado em nosso pescoço até hoje, cabe a você agarrar a cria do diabo”, 1934, Museu Judaico de São Paulo.

Grande parte do pensamento antissemita que existe hoje é baseado em ideias construídas há vários séculos, que foram ampliadas e fortemente difundidas pela propaganda nazista. Convidamos você a analisar as caricaturas anteriores e fazer uma reflexão:

Será que os estereótipos judaicos de hoje têm relação com a propaganda nazista? Pesquisando na internet sobre caricaturas e charges antissemitas na atualidade, haverá características em comum?

Cada uma ou cada um de nós pode escutar e aprender algo novo com as histórias de vida das outras pessoas.

Quando nos conectamos com quem é diferente de nós, expandimos o nosso horizonte e conseguimos entender o mundo de forma mais ampla. Mas não podemos fazer isso sozinhos, precisamos uns dos outros. O antissemitismo não é apenas um problema do passado; ele continua a afetar pessoas ao redor do mundo hoje.

45

Isso pode ser visto em manifestações públicas de ódio, como vandalismo em sinagogas, ataques verbais ou físicos a judeus, e até em teorias da conspiração que culpam os judeus por problemas sociais.

Em contextos geopolíticos marcados por conflitos, é comum haver confusão entre um sentimento de perplexidade, inconformismo, e a formulação de críticas direcionadas ao governo de Israel e um sentimento generalizado de raiva direcionado a todos os judeus. A islamofobia exerce o mesmo impacto quando muçulmanos são tratados com hostilidade ou associando-se o islamismo à violência e ao terrorismo.

Nenhum povo pode ter sua identidade reduzida e equiparada ao comportamento de alguns indivíduos.

O antissemitismo está ligado a outras formas de intolerância, como a islamofobia, a xenofobia, a discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+ e tantas outras. Todas essas formas de discriminação compartilham uma base comum de desconhecimento sobre as diferenças humanas e podem, em casos extremos, levar a violências irreversíveis.

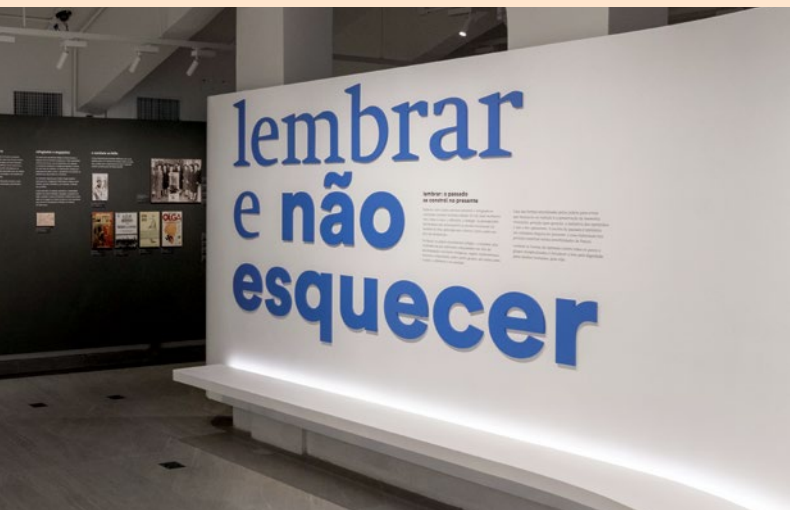
“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”²

46



A educação e o entendimento são fundamentais para combater o antissemitismo e outras formas de discriminação. Precisamos promover e cultivar o conhecimento, a empatia e o respeito mútuo em nossas comunidades e sociedades. Ao aprender sobre o antissemitismo, estamos não apenas entendendo um aspecto importante da história humana, mas também ampliando nossa sensibilidade para compreender outras formas de discriminação. A luta contra o antissemitismo é parte de um esforço maior para criar um mundo mais justo e inclusivo para todos.

- 2 MANDELA, Nelson. *Longo caminho para a liberdade: uma autobiografia*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 506.



Entrada da seção dedicada ao Holocausto no Museu Judaico de São Paulo.

Questões de Mediação

Por vezes, conseguimos perceber ao nosso redor quando um preconceito se manifesta concretamente, na forma de exclusão e violência. Mas, quando um evento assim ocorre, podemos nos perguntar: quando essa situação de fato começou? Onde está a sua raiz? Quais ideias, expressões, omissões aconteceram antes para que uma situação de violência concreta ocorresse dentro da nossa sociedade?

Para saber mais

**Guia contra o antissemitismo:
o que é e como combater o ódio aos judeus.**

Instituto Brasil-Israel. 2023.

Acesse: <https://abrir.link/GXtpT>



5

Processos educacionais acolhedores e diversos

Olá!

51

Neste último texto, gostaríamos de dividir reflexões sobre como a experiência de visita ao MUJ tem nos provocado a pensar sobre a importância não apenas da formação intelectual, mas da necessidade de práticas vívidas de encontro com a diversidade e a possibilidade de trabalhar, em conjunto, para um futuro mais respeitoso e fraterno.

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.”³

A frase, de Hannah Arendt, nos convida a perguntar: de que modo nos relacionamos com o mundo? A partir de quais sentimentos construímos relações com o

3 ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

que existe ao nosso redor? Por que a educação é chave dessa mudança na forma de lidar com o mundo? E o que significa assumir responsabilidade?

O Museu Judaico de São Paulo é procurado por diversas escolas que identificam demonstrações antissemitas entre seus estudantes.

Nesse contexto, a visita ao Museu pode ser uma resposta pedagógica complementar para o desafio de lidar com o antissemitismo, como parte de um processo educacional mais amplo, que inclui sempre a atuação das escolas, das famílias e da sociedade em geral, de modo a abordar a questão em toda sua abrangência.

52

Quando voltamos nossa atenção apenas aos comportamentos antissemitas e seus impactos, deixamos escapar aquilo que está por trás dessas atitudes: o processo que levou ao preconceito e à intolerância. Em algumas oportunidades, nossa equipe educativa observou que a ausência de uma preparação prévia à visita junto aos estudantes prejudicava o diálogo e as reflexões sobre a complexidade dos processos históricos que conduziram ao Holocausto. Em outras situações, a ansiedade do grupo para cumprir tarefas, a presença dos celulares e outras distrações reduziam as possibilidades de aprofundamento das reflexões. Diante disso, readequamos roteiros considerando os diferentes contextos das escolas e turmas visitantes, para permitir que a mediação pudesse alcançar os objetivos da visita, respeitando as possibilidades de cada grupo. Acreditamos que esses processos contribuem para o letramento e a compreensão de processos históricos que atravessam nossa identidade.

Quanto mais alargada se torna a nossa compreensão sobre o tema, maior é a nossa capacidade de identificar fenômenos discriminatórios ao nosso redor. Esse aprendizado é incessante.

Mas o nosso processo de desenvolvimento, como indivíduos, vai além da ampliação das capacidades intelectuais e da construção de repertório. Uma das escolas que trouxeram estudantes para visitar o Museu, por exemplo, já vinha realizando um trabalho consistente em torno dos eventos que levaram ao Holocausto. Esse trabalho interdisciplinar, conduzido por professores de história, geografia e filosofia, oferecia uma base sólida para seus estudantes. Contudo, ainda assim, durante a visita, alguns deram risada e tiveram atitudes inadequadas enquanto andavam pela seção que trata do Holocausto em nossa exposição. O desconforto foi objeto de atenção, a situação foi ponderada com diálogo e reparada por meio de um trabalho que aprofundou, com uma série de conversas, a parceria entre o Museu e a escola. Assim, percebemos que uma boa formação intelectual não basta, e os crescentes incidentes de antissemitismo em escolas particulares de São Paulo reforçam essa conclusão. Mas, se isso é insuficiente, o que falta?

Vivendo em uma sociedade que aprende e incorpora, desde a primeira infância, pensamentos e sentimentos de estranhamento, diferenciação, oposição e medo, corremos o risco de reproduzir manifestações discriminatórias, excludentes e violentas. A desconfiança e a incapacidade de celebrar e conviver respeitosamente com as diferenças vão desgastando o tecido social, resultando no afastamento, e não na aproximação, em relação ao outro. Nesse cenário, nos perguntamos:



Qual é o nosso papel, como indivíduos e profissionais da educação, diante da fragilização dos laços entre as pessoas? De que forma podemos atuar no fortalecimento de relações nos meios em que estamos inseridos?



Grupo escolar participando do jogo educativo “Quem somos?”, desenvolvido para uso em algumas visitas mediadas no Museu Judaico de São Paulo. Foto: Larissa da Cruz, 2024.

A diversidade expande nossa experiência no mundo. Pode ser vista, portanto, como um convite para que cada indivíduo, no encontro com o outro, seja capaz de integrar novos conhecimentos e se encantar com as infinitas possibilidades existenciais que a vida oferece. É essa abertura e encantamento que transbordam as margens da formação intelectual, por mais sólida que seja.

Uma tarefa essencial da educação é criar oportunidades de encontros saudáveis com as diferenças. Isso deve acontecer em ambientes onde a presença de pessoas educadoras garanta um espaço afetivo e respeitoso, permitindo que crianças, jovens e adultos explorem as possibilidades de se relacionar com o diferente.

É na vivência dos encontros que desconstruímos preconceitos e, no lugar deles, construímos relações de empatia e alteridade.

56

Por isso, um dos componentes essenciais presentes na visita mediada realizada entre educadores e visitantes do MUJ é a apresentação da pluralidade da cultura judaica, incluída em um diálogo sobre a diversidade identitária dos próprios visitantes, rompendo com imagens estereotipadas e concepções herdadas ou preestabelecidas. No Museu é oferecida a possibilidade de troca com uma tradição repleta de costumes, ritos, objetos e histórias diferentes, que ganham vida nas perguntas: “por que você usa esses dois cachinhos?”, “o que é esse chapeuzinho que judeus usam na cabeça?”, “todo judeu é rico?”, entre tantas outras que ouvimos em visitas. Cada uma é um gesto de inclinação ao diferente. Movidas pela curiosidade, pela admiração, ou mesmo pela intenção de fazer uma provocação, as perguntas criam um elo de aproximação que permite a formação de novas ideias a partir de um contato real e direto com o judaísmo.

Nós cuidamos daquilo que aprendemos a amar. Cabe a nós, como profissionais da educação, oferecer oportunidades e meios para que crianças, jovens e adultos se aproximem de algo novo com disposição e curiosidade. Se o desconhecimento e a desconfiança nos afastam, o conhecimento e o interesse verdadeiro nos aproximam.

Ao criar um espaço de encontro, o MUJ abriga conversas sensíveis, perguntas difíceis, inquietações e incômodos, curiosidades, momentos de descoberta e de encantamento. A partir das visitas, somos instigados a aprimorar nossa sensibilidade ao lidar com a diversidade.

Apresentar o universo judaico, com o objetivo de combater o antissemitismo e refletir sobre outras formas de discriminação, requer um olhar atento às particularidades de cada grupo. Assim, ajustamos nossas propostas pedagógicas à multiplicidade de visitantes que iremos encontrar: crianças pequenas entram em contato com a tradição judaica por meio da vivência lúdica, experimentando por meio de jogos e de canções a história da chegada dos judeus ao Brasil, por exemplo. Crianças mais velhas são convidadas à mesma história por meio de uma dinâmica na qual se colocam na posição de imigrantes e tomam uma série de decisões, vivenciando um pouco dos dilemas, desafios e descobertas do povo judeu ao chegar ao nosso país. Adolescentes são provocados a refletir: quando um evento histórico começa? Como diferentes formas de preconceito e discriminação se relacionam? Ao mesmo tempo, são provocados a desconstruir as imagens preconcebidas que carregam sobre judeus e a cultura judaica, a partir do encontro com a pluralidade dessa identidade.

Cabe a nós, neste processo constante de aprimoramento, rever premissas, ampliar conhecimentos, bases pedagógicas e recursos culturais e educacionais. É por isso que estamos aqui, criando um espaço de conversa com outros profissionais da educação, buscando fortalecer nossa atuação conjunta e incentivar a reflexão sobre possibilidades educativas que promovam encontros genuínos com a diversidade. Uma vez que as diferenças simplesmente existem, a diversidade é uma condição natural, que não deveria

ser afastada das dinâmicas educacionais. Todo indivíduo aprende e se desenvolve na troca com o outro.

Todos os espaços educativos têm o potencial de produzir o diálogo, o afeto, a empatia e a compreensão. Ao estimularmos reflexões críticas e vivências, atuamos para que todas as pessoas possam reconhecer diferenças, cultivar o respeito e, com isso, construir uma sociedade mais justa e acolhedora. É para contribuir com essa visão que promovemos, no espaço do Museu, experiências de troca entre a identidade judaica e as múltiplas identidades dos nossos visitantes. Profissionais da educação, de todos os tipos de espaços, podem se perguntar:

Como temos atuado e como podemos fortalecer um projeto de vida mais fraterna?

Para saber mais

Paz, como se faz?

Semeando cultura de paz nas escolas.

Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman.

Palas/Unesco, 2021.

Acesse: <https://abrir.link/OKpQz>

Manual para escolas antirracistas:

igualdade, direitos e conhecimento.

Leonardo Bento, Camino School, 2022.

Acesse: <https://abrir.link/HLsef>

**Justiça Restaurativa na Escola: formando cidadãos
por meio do diálogo e da convivência participativa.**

Comissão de Justiça e Práticas Restaurativas, 2018.

Acesse: <https://abrir.link/AZyql>

59

**30 conteúdos para a prática
de uma educação antirracista.**

Lunetas.

Acesse: <https://abrir.link/HAzjg>

Glossário

Antissemitismo

A palavra descreve o preconceito, a hostilidade ou a discriminação contra pessoas judias.

Ashkenazitas

“Ashkenaz” é o termo em hebraico que quer dizer “Alemanha”. Os judeus ashkenazitas originalmente viviam na Alemanha e em outras partes da Europa Central e Oriental.

Bessamim

É um recipiente usado durante a cerimônia de encerramento do Shabat e início da nova semana, a Havdalá, durante a qual todos os participantes cheiram as especiarias de dentro do bessamim para terem uma semana de “bons odores”, ou seja, uma semana de coisas boas.

Capacitismo

É a forma de discriminação e preconceito contra pessoas com deficiência. Ele se manifesta quando essas pessoas são vistas como inferiores ou menos capazes.

Choro

É um gênero musical brasileiro que surgiu no Rio de Janeiro no final do século XIX e é considerado um dos precursores do samba e de outros estilos musicais brasileiros.

Diaspórico

O termo “diaspórico” designa algo relacionado à diáspora, que é a dispersão ou migração de um grupo de pessoas de sua terra natal para outras partes do mundo. A diáspora judaica refere-se ao distanciamento forçado dos judeus de sua terra ancestral em razão das invasões históricas de povos inimigos.

Discriminação

É o ato de tratar de maneira desigual, injusta ou prejudicial uma pessoa ou um grupo com base em características como raça, gênero, idade, religião, orientação sexual ou deficiência. Essa prática se manifesta quando alguém é desvalorizado ou excluído por pertencer a uma dessas categorias, muitas vezes sendo privado de direitos ou oportunidades.

Estereótipo

São generalizações simplificadas e frequentemente exageradas sobre um grupo de pessoas, baseadas em características percebidas, como raça, gênero, idade, nacionalidade, religião ou qualquer outra característica social ou física.

Hebreu

Refere-se a um antigo grupo semítico que, segundo a Bíblia, descende de Abraão. São considerados os ancestrais dos israelitas e do povo judeu.

Judeu

Considerando a lei judaica, judeu é quem nasce de um ventre judaico ou aquele que escolhe se converter à tradição judaica. Mas a identidade judaica também pode ser marcada por um forte senso de pertencimento.

63

Judaísmo

É uma das religiões monoteístas mais antigas, com raízes que remontam a mais de 3 mil anos atrás.

Judeidade

Refere-se às múltiplas formas de ser judeu, englobando valores, aspectos religiosos, culturais e/ou étnicos.

Islamofobia

É o preconceito, a discriminação ou a hostilidade direcionada a pessoas que seguem o islamismo ou são percebidas como muçulmanas. Isso pode se manifestar de várias formas, incluindo atitudes negativas, estereótipos, discurso de ódio, violência física ou discriminação institucional.

Israelita

Refere-se a uma pessoa que pertencia ao antigo Reino de Israel ou aos descendentes dos israelitas bíblicos.

Israelense

Refere-se a uma pessoa que é cidadã do Estado de Israel.

64

LGBTQIAPN+fobia

É o termo usado para descrever o preconceito, a discriminação, a rejeição ou a aversão dirigida a pessoas que pertencem à comunidade LGBTQIAPN+. Essa sigla abrange diversas identidades de gênero e orientações sexuais, incluindo: L: Lésbicas, G: Gays, B: Bissexuais, T: Transgêneros, Q: Queer, I: Intersexuais, A: Assexuais, P: Pansexuais e N: Não binárias.

Maracatu

É uma manifestação cultural e musical típica da região nordeste do Brasil. Caracteriza-se por sua rica combinação de música, dança e elementos de carnaval, e tem raízes profundas nas tradições afro-brasileiras e nas festas de rua.

Mizrahi

Refere-se aos judeus originários do Oriente Médio, Norte da África e partes da Ásia Central. O termo hebraico “mizrahi” significa “oriental” ou “do leste”. Esses judeus são descendentes das antigas comunidades judaicas que viviam em países como Iraque, Irã, Síria, Líbano, Egito, Marrocos, Tunísia, Iêmen e outros países da região.

65

Preconceito

É uma atitude ou opinião formada antecipadamente, sem conhecimento adequado, reflexão ou fundamentação racional, geralmente de forma negativa. Envolve julgamentos e generalizações infundadas sobre uma pessoa ou grupo, com base em características como raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, classe social, entre outras.

Povos Bantos

O termo “bantu” refere-se tanto à língua quanto às pessoas que falam essas línguas, abrangendo mais de 400 etnias que vivem em uma vasta região da África Subsaariana, desde a África Central até a África Austral e partes da África Oriental.

Racismo

É uma ideologia dominante que, ao ser materializada, confere tratamento diferenciado a uma pessoa ou grupo de pessoas baseado na raça. Acarreta desvantagens sistemáticas e gera desigualdades e/ou a eliminação do indivíduo ou grupo. Temos o racismo que se dá no campo individual, institucional e estrutural.

66

Sefaraditas

“Sefarad” é um termo em hebraico que significa “Espanha”. Sefaraditas são os judeus que habitavam a região da Península Ibérica e seus descendentes.

Xenofobia

A xenofobia é o preconceito, medo ou aversão a pessoas que vêm de outros países ou culturas. Ela se manifesta em atitudes discriminatórias ou hostis, muitas vezes alimentada por estereótipos ou desinformação.

Tupi

É um termo que se refere a um grupo de línguas indígenas e aos povos que falavam essas línguas na região que hoje é o Brasil. As línguas tupi pertencem à família linguística Tupi-Guarani, uma das grandes famílias linguísticas indígenas da América do Sul.

Atividades Educativas

Olá!

69

Nas próximas seções você encontrará sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas a partir dos textos apresentados nos capítulos anteriores. As atividades podem ser realizadas com todas as idades e níveis escolares.

Te convidamos a fazer uma leitura prévia, para realizar eventuais adaptações destinadas a adequar a atividade a sua turma de estudantes e para providenciar materiais complementares que podem ser necessários. Também sugerimos formas de aperfeiçoamento das atividades para turmas mais avançadas.

**Desejamos um
bom trabalho!**

Capítulo 1
Entre fios coloridos:
a diversidade cultural brasileira

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Teia Cultural

Objetivos

Sensibilizar os estudantes quanto à diversidade cultural no território brasileiro, estimulando o reconhecimento individual e coletivo das diferenças, a partir das manifestações culturais presentes na sala de aula.

70

Desenvolvimento

Você pode propor que seja formada uma roda com os estudantes. Na sequência, um rolo de barbante é entregue a um primeiro estudante e solicita-se que este responda em voz alta algumas das perguntas sugeridas:

- Qual é a origem da sua família?
- Quais músicas/ritmos musicais sua família mais gosta de escutar?
- Sua família tem alguma receita tradicional? Ou uma comida preferida para ocasiões festivas?
- Qual(is) religião(ões) sua família segue?
- De quais festas típicas você costuma participar?

Após responder algumas das perguntas, você pode pedir ao estudante que segure a ponta do barbante e entregue o rolo a algum colega a sua frente, do outro lado da roda, repetindo o processo até que todos os estudantes tenham tido a oportunidade de participar. Mas atenção: antes de jogar o rolo de barbante, é preciso que cada estudante desenrole um pouco o fio. Segurando firme na ponta do barbante, é possível jogar o rolo para outro colega, que fará o mesmo.

Conforme a teia se forma, sugerimos que você peça aos estudantes que observem a conexão criada. Assim como a teia, nossa sociedade é construída por diferentes culturas, valores e tradições que se entrelaçam e se fortalecem quando há respeito e compreensão mútuos. Vale ressaltar que, quanto mais rica e diversa for essa rede, mais forte, bonita e coesa ela será!

Ao encerrar a atividade, é possível reforçar a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas manifestações culturais presentes em nosso país, e reiterar como o contato com o diferente nos permite o aprendizado de algo novo.

Capítulo 2

O judaísmo é diverso

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Analisando Imagens

Objetivos

Apresentar características da tradição judaica e perceber semelhanças e diferenças culturais com outras tradições conhecidas.

Desenvolvimento

Sugerimos que você apresente as imagens que representam alguns aspectos da identidade judaica, fazendo uma leitura com a sua turma: o que vocês veem na imagem? Para que ele serve (se objeto)? O que se comemora (se festa)? O que representa (se costume)?

Então, indicamos que sejam apresentadas as explicações contidas no verso de cada imagem e que sejam pensados os possíveis paralelos com outras tradições conhecidas, com a ajuda de perguntas sugeridas: o que nós conhecemos que é parecido? Na sua família existe algum costume ou característica semelhante?

Sugerimos que você também explore outros objetos, documentos, fotografias e obras de arte disponíveis no acervo do MUJ.

Acesse: museujudaicosp.org.br/acervo

recorte aqui >



Casamento Clara Michaan e Haroldo Sancovsky 21.09.1958, Museu Judaico de São Paulo.

A foto mostra um casamento judaico no qual a noiva usa um vestido branco, como é costume entre diversas tradições. Mas nem todo casamento judaico é assim: o vestido da noiva pode ser de outras cores, dependendo da tradição do seu lugar de origem. Imaginem um vestido preto, com adornos dourados. Já tivemos um vestido assim exposto no MUJ, que veio do Marrocos. No fundo da imagem, podemos observar painéis de madeira e, no centro, uma cortina. Essa estrutura se chama “Bimá”. É um local elevado, na sinagoga, onde se realizam alguns dos rituais da vida judaica. A cortina, decorada com uma estrela de Davi e uma inscrição em hebraico, cobre um armário, chamado “Aron Hakodesh”, o espaço sagrado onde ficam guardados os rolos da Torá, o Pentateuco, escrito em pergaminho. À frente, há uma espécie de tenda de tecido, presa por quatro hastes, chamada “Chupá” (pronuncia-se “rrupá”, com o som de “r” duplo). A “chupá” é uma cobertura nupcial, sob a qual os noivos ficam, que representa a fundação de uma nova família, um novo lar, de estrutura sólida e aberta para todas as pessoas queridas para o casal.



FOR THE NEW YEAR

טנה טובה



Cartão de Ano-Novo, Rosh Hashaná, Museu Judaico de São Paulo, 1994.

É costume enviar cartões no ano-novo judaico, o Rosh Hashaná, desejando que as pessoas tenham um ano bom e doce. No cartão, aparecem símbolos judaicos e palavras em hebraico. No topo, escrita em azul, a palavra “shalom”, paz. As pombas, com ramos de oliveira no bico, remetem à história bíblica “A Arca de Noé”, e representam o fim do dilúvio e a oportunidade de recomeço. Logo abaixo, em inglês, “para o novo ano” e, em hebraico, “shaná tová”, um bom ano. A mão azul é chamada de “hamsa”. É um símbolo comum em outras tradições espirituais e, para alguns judeus, além de ser um símbolo judaico, ela pode ter significados místicos. Dentro da “hamsa” está escrito, em hebraico, a palavra “mazal”, que quer dizer “sorte”. A ilustração representa a cidade de Jerusalém, um lugar central na tradição judaica. Entre as maçãs, podemos ver um dos instrumentos de sopro mais antigos da humanidade. Na tradição judaica, ele pode ser feito com chifre de carneiro ou outro animal, exceto o boi. Esse é o “shofar”. Existem muitas histórias sobre seus sons e seus poderes, mas no ano-novo, um dos significados mais importantes atribuídos a ele é o de despertar: o “shofar” deve acordar as pessoas para que cada um(a) possa refletir sobre seus erros, reparar o que for possível, pedir perdão e buscar ser uma pessoa melhor no ano que se inicia. A maçã também é um alimento comum no ano-novo judaico e, tradicionalmente, ela é comida com mel, para representar o desejo por um ano doce. Ao final, a estrela de Davi, referência a um dos reis de Israel, é outro símbolo marcante da identidade judaica, presente em muitos objetos, decorações e adornos.

recorte aqui >



**Família de Samuel Anijar, Pará, 1930,
Museu Judaico de São Paulo.**

A vinda dos primeiros judeus marroquinos para a Amazônia remonta ao início do século XIX, movidos principalmente pela guerra entre Espanha e Marrocos. Durante os anos prósperos do Ciclo da Borracha, entre 1850 e 1910, uma nova leva de imigrantes judeus chegou à região. Nesse período, chegaram a viver em Belém cerca de 900 famílias judias, com uma população em torno de 4.500 pessoas. Ao se instalarem nas cidades, essas comunidades trouxeram consigo práticas ancestrais que, ao longo do tempo, se adaptaram e mesclaram aos elementos locais, criando uma cultura singular que se manifesta nos objetos religiosos, na culinária e na preservação do dialeto haquitia.

Na fotografia temos a família de Samuel Anijar, em frente da casa em Afuá, atual estado do Amapá.

Questões sugeridas para a imagem 1:

- ↗ Quais elementos você observa nesta foto?
- ↗ Entre eles, quais ajudam a identificar o tipo de evento que está acontecendo?
- ↗ Como são celebrados os casamentos na sua família? Há diferenças ou semelhanças com o casamento judaico retratado nesta foto?

Questões sugeridas para a imagem 2:

- ↗ Quais elementos você consegue identificar na imagem e o que você imagina que cada um deles significa?
- ↗ As frutas e outros itens ilustrados no cartão têm algum significado especial para você?
- ↗ Como e quando você celebra o ano-novo? Quais costumes e tradições você costuma praticar nessa época?

79

Questões sugeridas para a imagem 3:

- ↗ Como as roupas das pessoas na foto se comparam às roupas que usamos hoje? O que isso nos diz sobre a época e o local onde a foto foi tirada?
- ↗ Quais diferenças ou semelhanças você vê entre essa família e as famílias atuais?
- ↗ Como você imagina que era o dia a dia dessa família e quais diferenças ou semelhanças você consegue perceber em relação à sua própria rotina hoje?

Capítulo 3

Racismo, preconceito e discriminação racial no Brasil



Olá.

Nós entendemos a complexidade de tratar os temas de racismo, preconceito e discriminação em diferentes faixas etárias e níveis escolares. Por isso, sugerimos duas atividades, que podem ser adaptadas de acordo com o perfil da turma.



Jardim da Diversidade

Objetivos

Introduzir de maneira lúdica os conceitos de respeito, empatia e diversidade. Estimular a imaginação e a colaboração entre as crianças.

Desenvolvimento

Propomos que sejam distribuídas, para cada criança, uma folha de papel ou formas já recortadas (como círculos, flores, hastes, estrelas, corações, borboletas etc.).

Você pode pedir que as crianças decorem suas formas com desenhos e cores que sintam representar ações positivas, como ajudar, compartilhar, abraçar. Essa é uma excelente oportunidade para trabalhar com as crianças a beleza de todas as cores, estimulando ideias e sentimentos.

Quando as formas estiverem prontas, convide as crianças para montarem um grande “Jardim da Diversidade”, um painel em uma das paredes da sala, que ficará exposto.

Que tal encerrar a atividade propondo o passo “Cuidando do Jardim”? Ao redor do mural, estimule as crianças a conversarem sobre como cada forma representa uma ação que podemos fazer para respeitarmos e cuidarmos uns dos outros. As crianças podem ser lembradas e encorajadas a praticar as ações do Jardim no dia a dia na escola e em seus territórios, ajudando a manter o jardim bonito e saudável.

É possível, ainda, propor às crianças que criem uma canção para o jardim, lembrando que as diferenças sempre são bem-vindas!

Capítulo 3
Racismo, preconceito
e discriminação racial no Brasil

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Leitura crítica de notícias

Objetivos

Compreender o racismo, o preconceito e a discriminação estrutural no Brasil e estimular uma reflexão crítica sobre as desigualdades e sobre formas de combatê-la.

82

Desenvolvimento

Indicamos dividir a turma em grupos de 4-5 estudantes, mas você pode adaptar a divisão conforme a necessidade. Então, distribua notícias atuais que apresentem ou ilustrem casos de racismo, xenofobia, LGBTQIAPN+fo-bia ou outras formas de discriminação comuns no Brasil. Peça para os grupos analisarem as notícias e responderem algumas perguntas como as sugeridas abaixo (você pode indicar outras perguntas relacionadas ao tema):

- ↗ O que aconteceu? Ou seja, quais são os fatos retratados na notícia?
- ↗ Que formas de discriminação aparecem na notícia? Explicar, com as próprias palavras, por que essa situação representa uma discriminação e como ela afeta as pessoas envolvidas e a sociedade.

Após a análise, é possível propor que os estudantes compartilhem as reflexões sobre as notícias. É importante reconhecer que o racismo e as discriminações são problemas históricos e atuais no Brasil. Você pode compartilhar com os estudantes a ideia de que a transformação começa com a conscientização individual e a ação coletiva. Mesmo que as mudanças sejam lentas, saber identificar essas situações é fundamental.

83

Sugerimos encerrar a aula com uma pergunta para a turma: se a luta contra o racismo é uma luta por equidade e justiça, que se reflete como algo positivo para toda a sociedade, então essa luta deve ser de quem?

Capítulo 4

O que é antissemitismo?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Escolhendo palavras

Objetivos

Conscientizar sobre a importância de escolher expressões e palavras e perceber que o vocabulário é uma ferramenta prática de combate à discriminação e de cuidado com as pessoas.

84

Desenvolvimento

Sugerimos iniciar a atividade com a apresentação de exemplos comuns de expressões relacionadas ao antissemitismo e a outras formas de discriminação e racismo: judiação/judiar, “entre a cruz e a espada”, de-negrir, mercado negro, “chuta que é macumba” etc.

Depois, sugerimos que sejam feitas perguntas para ajudar a turma a refletir: vocês escutam e/ou usam alguma dessas expressões no dia a dia? Sabiam que elas carregam significados ligados à discriminação e são ofensivas?

Pode ser proposta a seguinte reflexão: faz sentido pensar que palavras podem machucar? E faz sentido pensar que palavras também podem fazer bem, cuidar?

Por fim, é possível a realização de uma atividade prática: construa junto aos estudantes duas listas de palavras e expressões e recorte. De um lado, ficarão as palavras a serem inutilizadas; e do outro, aquelas que devemos compartilhar.

85

- ↗ As palavras e expressões que carregam preconceitos, traduzem racismos e violências sutis, serão colocadas em uma caixa, com o objetivo de assumir o compromisso de não utilizá-las e conscientizar outras pessoas quando presenciar alguém as utilizando;
- ↗ As palavras e expressões de cuidado e respeito para valorizar e acolher diferenças, para criar aproximações, serão inseridas noutra caixa. Todos os dias uma das palavras ou expressões pode ser retirada por um estudante e dedicada a alguém (um colega, familiar etc.).

**MUSEU JUDAICO
DE SÃO PAULO**

Felipe Arruda
Diretor Executivo

*Educação
e Participação*

Marília Neustein
Diretora de Comunicação

Malu Frizzo
Coordenadora

Roberta Sundfeld
*Diretora de Acervo
e Memória*

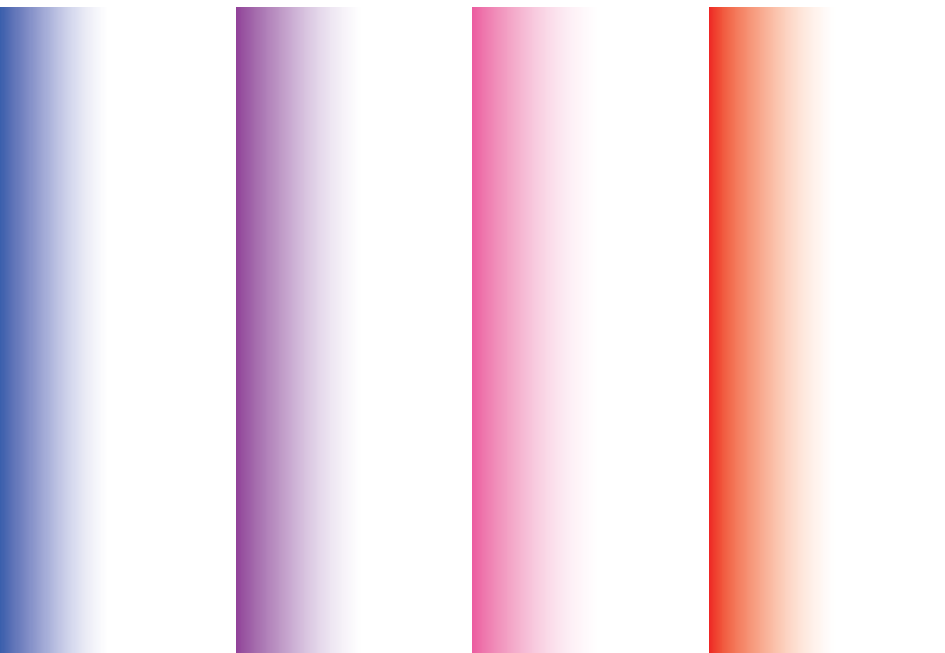
Patricia Gonçalves
*Assistente Educativa
e de Produção*

Marianna Bomfim
*Diretora
Administrativa–Financeira*

Jô Chilman, Luísa Saavedra,
Marcellus Beghelle
e Saulo Araújo
Educadores

Mariana Lorenzi
*Coordenadora de
Curadoria e Participação*

Dalia Schneider
Consultora Pedagógica



**COMO LIDAR COM
O ANTISSEMITISMO E
A DISCRIMINAÇÃO?**

Leonardo Moreira
Coordenação Geral

Dalia Schneider, Jô Chilman,
Leonardo Moreira, Malu Frizzo,
Marcellus Beghelle, Maya
Levcovitz, Patricia Gonçalves
e Saulo Araújo
*Conteúdo e Atividades
Educativas*

Léo Bento
*Capítulo 3 - Racismo,
preconceito e discriminação
racial no Brasil*

Tamara Sender
Revisão

**DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS
ENTRE ESCOLA E MUSEU**

Tamara Lichtenstein
Projeto Gráfico

Linda Derviche Blaj, Shayene
Borges e Ana Laura Brait
*Pesquisa de imagens do acervo
do MUJ*

Daniel Cabrel, Larissa da Cruz,
Maressa Andrioli, Malu Frizzo,
Museu Judaico de São Paulo e
Isadora Vitti
Imagens

Pigma
Impressão



Museu Judaico de São Paulo

terça-feira a domingo,
das 10h às 18h
Rua Martinho Prado, 128,
Bela Vista, São Paulo – SP
www.museujudaicosp.org.br

Agende uma visita ao Museu Judaico de São Paulo

E-mail: agendamento@museujudaicosp.gov.br
Telefone: +55 11 3258.1396



9 786598 406714

patrocínio



Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

MATTOS FILHO

apoio



parceiros muj 2024

patrocínio



apoio



Banco Safra



Porto



Banco Daycoval



DEXCO

LEAL
GOVERNAMENTO DE PERNAMBUCO



CESCON
BARRIEU



VERDE

realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO